

# UMA APRENDIZAGEM OU O LIVRO DOS PRAZERES: PERSPECTIVAS DE EXPERIÊNCIAS DIALÓGICAS

**Thiago Cavalcante Jeronimo\***

**Resumo:** Este artigo analisa excertos do romance *Uma aprendizagem ou o livro dos prazeres*, de Clarice Lispector, discutindo, sobretudo, o posicionamento axiológico da protagonista Lóri. Os pressupostos teóricos fundamentam-se nas reflexões de Mikhail Bakhtin acerca da experiência dialógica do ser, da qual o sujeito é constituído inesgotavelmente por meio de sua relação com o outro.

**Palavras-chave:** Clarice Lispector. Mikhail Bakhtin. Dialogismo.

*Um conhecimento a ser sempre renovado através da prática de muitos erros e de uns poucos acertos, obrigando-nos a retroceder seguidamente para uma retomada de perspectiva; seguidamente ter de encerrar, para começar tudo de novo, a exemplo de uma lição aprendida a muito custo, muitas e muitas vezes passada a limpo. Pois, não é assim que se caminha para frente? Não é assim que se aprende o ofício de viver?*  
Elisa Lispector. *O muro de pedras*.

## INTRODUÇÃO

Clarice Lispector foi uma escritora que conseguiu, ao longo de sua vasta e precursora carreira literária, percorrer, afirmando-se em renovação, os diversos gêneros literários. Sua primeira obra publicada foi o repercutido romance *Perto do coração selvagem* (1943), que lhe rendeu ensaios de alguns dos principais críticos literários brasileiros da época, uma vez que sua escrita, logo de início, apontava para um abalo nos alicerces da linguagem ficcional do novo romance brasileiro.

\* Universidade Presbiteriana Mackenzie (UPM), São Paulo, SP, Brasil. E-mail: thiagocavalcante@live.com

Considerado um divisor na estética literária nacional, até então produzida nos decênios de 1930 e 1940, *Perto do coração selvagem* introduziu uma nova maneira de narrar, uma ruptura em que as noções cristalizadas de tempo, espaço, personagens, a exemplo de José Lins do Rego (1901-1957) e Jorge Amado (1912-2001), tornaram-se subjetivadas ao universo lispectoriano de narrar, uma vez que o engajamento da escritora foi com – e extrapolou – a própria linguagem.

Antonio Candido (1970, p. 128-129), ao publicar um ensaio crítico meses depois da estreia literária de Clarice, isto é, no início de 1944, reconheceu que o livro inaugural de Lispector,

*[...] dentro da nossa literatura, é performance da melhor qualidade. [...] O seu ritmo é um ritmo de procura, de penetração que permite uma tensão psicológica poucas vezes alcançada em nossa literatura contemporânea.*

Também sob essa perspectiva, ao citar a estreia impactante da então jovem de 24 anos nas letras brasileiras, Massaud Moisés (2007, p. 554) aponta que “[...] Clarice Lispector vinha renovar e, de certo modo, definir a tendência introspectiva de nossa ficção dos anos 30”.

Dessa forma, as observações tecidas por esses críticos convergem com as impressões que Berta Waldman resgata da fala de Samuel Rawet, que tece considerações acerca da tendência introspectiva batizada nas letras claricianas:

*[...] o que ocorre com Clarice é um tipo de consciência particular que ela tem. Um modo específico e completamente diferente de ver a realidade. [...] A relação de Clarice com a realidade não é a mesma, por exemplo, de José Lins do Rego. Não pode ser. José Lins tem uma relação com a realidade imediata. Um cajueiro é um cajueiro. Uma fazenda é uma fazenda. Para Clarice, muitas vezes, não é imediatamente um cajueiro. Ela tem que trabalhar interiormente até chegar ao cajueiro como cajueiro, na realidade brasileira, é claro (RAWET, 1970 apud WALDMAN, 2003, p. XXIV).*

Foi moldada com essa consciência particular que Lispector percorreu na escrita as diversas manifestações literárias em que se firmou como escritora: romances, novelas, contos, crônicas, peça teatral, literatura infantojuvenil, entrevistas, textos sem classificações definidas, a exemplo do texto poético em prosa *Água viva*.

Dessa variada produção, foram selecionadas para este estudo passagens do livro *Uma aprendizagem ou o livro dos prazeres* (1969), privilegiando o capítulo no qual descreve a entrada da personagem Lóri no mar. A análise será pautada, sobretudo, no conceito de dialogismo do filósofo russo Mikhail Bakhtin, para o qual:

*[...] todo enunciado constitui-se a partir de outro enunciado, é uma réplica a outro enunciado. [...] Um enunciado é sempre heterogêneo, pois ele revela duas posições, a sua e aquela em oposição à qual se constrói (FIORIN, 2008, p. 24).*

Sob essa perspectiva, Bakhtin estabeleceu três eixos norteadores para compreensão do dialogismo: a unicidade do ser, a eventicidade do ser e a ação axiológica. O ser como ser único (inapreensível), construído por meio de eventos, e que possui uma ação axiológica ante suas vivências, isto é, uma valorização afirmativa ou contrária ao experimentar as novidades evênticas a que se submete.

O capítulo a ser analisado apresenta quatro ramificações. Clarice, de forma explícita, usava, com frequência, crônicas que publicava no *Jornal do Brasil*

para incorporar em seus livros, bem como fragmentos de livros para cumprir o prazo semanal de crônicas que necessitava publicar. Essas incorporações em sua escrita possibilitam reconhecer a urgência de escrever que a escritora tinha para complementar sua renda financeira.

A primeira aparição desse texto foi em 1968: intitulado “*Ritual*” – trecho, foi publicado por Clarice Lispector em 27 de julho desse ano, em sua coluna do *Jornal do Brasil*. No ano seguinte, esse escrito passou a incorporar o romance *Uma aprendizagem ou o livro dos prazeres*, objeto desta análise. É importante salientar que, em 1971, foi lançado o livro *Felicidade clandestina*, em que o texto referido recebeu o nome de *As águas do mundo*, e na obra *Onde estivestes de noite*, lançada em 1974, recebeu o título de *As águas do mar*.

### A AXIOLOGIA DO SER, CONSTANTE APRENDIZAGEM

Ao dar voz ao narrador de *Uma aprendizagem ou o livro dos prazeres*, em terceira pessoa, Clarice fez uso do discurso indireto livre, verbalizando os pensamentos e as preocupações de seus dois protagonistas: Lóri, professora primária, e Ulisses, professor de filosofia. É possível reconhecer aspectos relevantes nos nomes dos personagens. Cabe mencionar que em *O livro dos prazeres* há uma supressão no nome da protagonista, que se apresenta por meio da alcunha Lóri, sendo Loreley seu nome em extensão, informação que surge ao leitor, a exemplo da revelação do nome de Macabéa em *A hora da estrela* (LISPECTOR, 1998b, p. 43), quando a narrativa já está avançada em seu fluxo, isto é, nos momentos decisivos do texto. Ao trazer à luz o nome em extensão de sua personagem, a autora acrescentou ao seu texto, intermediado por Ulisses (foi ele quem conduziu Lóri ao reconhecimento do seu nome), o seu significado:

*Loreley é o nome de um personagem lendário do folclore alemão, cantado num belíssimo poema de Heine. A lenda diz que Loreley seduzia os pescadores com seus cânticos e eles terminavam morrendo no fundo do mar [...] (LISPECTOR, 1998c, p. 98).*

Contrariando a lenda alemã em que a sereia detém para si o aspecto da sedução, a narrativa clariciana transfere a ação de seduzir ao professor de filosofia: “[...] quem seduz você sou eu. Sei, sei que você se enfeita para mim, mas isso já é porque eu seduzo você” (LISPECTOR, 1998c, p. 98). Nessa perspectiva de inversão, Ulisses, ao contrário da épica homérica, é quem espera Lóri em sua busca pela aprendizagem (na obra *Odisseia*, de Homero, Ulisses viaja, enquanto Penélope espera-o bordando).

Vilma Arêas (2005, p. 32), ao analisar a carga do sentido mítico das personagens de *Uma aprendizagem*, sinaliza que

*[...] os nomes dos protagonistas evocam imediatamente figuras heroicas e proezas extraordinárias impregnadas de significado supostamente profundo, que se chocam, entretanto, com as situações ligeiras e banais do romance;*

choque este que é instaurado quase que em uníssono na escrita de Clarice, uma vez que a autora se utiliza recorrentemente dos atributos do cotidiano como momento revelador para uma experimentação maior. A esse olhar apontado para o corriqueiro, àquilo que é simples, e por isso mesmo banalizado, encarando-o

como sumo de uma ascensão necessária, é lícito recorrer a um excerto da compilação de escritos organizada por Olga Borelli (1981, p. 56), em que Clarice Lispector revela seu posicionamento acerca do cotidiano: “[...] os fenômenos naturais são os mais sobrenaturais de todos”. Com efeito, Loreley, em sua travessia de aprendizagem do prazer, descobre o impossível no possível, o extraordinário no ordinário.

Ao estabelecer interpretações acerca da obra em análise, escrita pela autora em nove dias, Benedito Nunes (1995, p. 78) aponta que

*O que há de realmente novo em Uma aprendizagem ou o livro dos prazeres, contrastando com os romances anteriores, é que a narrativa está polarizada pelo diálogo e não pelo monólogo.*

A narrativa deste romance é construída por meio de uma aprendizagem acerca do amor, apreendida com o outro e através do outro.

Constatando em Ulisses o passaporte para uma nova realidade, em que a alegria se sobrepõe à dor de existência que lhe é particular, “Que dor era? A de existir? A de pertencer a alguma coisa desconhecida? A de ter nascido?” (LISPECTOR, 1998c, p. 49), Lóri trouxe à tona o obstáculo maior que a mantém presa ao limbo da desaprendizagem:

*[...] existe um grande, o maior obstáculo para eu ir adiante: eu mesma. Tenho sido a maior dificuldade no meu caminho. É com enorme esforço que consigo me sobrepor a mim mesma* (LISPECTOR, 1998c, p. 53).

Sob esse reconhecimento de dificuldade, mas visionando a um novo posicionamento diante de sua existência, Lóri caminhou, decididamente, em uma tentativa de se afirmar no mundo. Viveu, gradativa e eventicamente, oportunidades de encontrar-se consigo mesma com base na interferência do outro, por assim dizer, consequências evênticas que afloram no decorrer da narrativa, revestidas, transmutadas da figura do outro, a exemplo da figura de Ulisses e das águas (doces e salgadas).

## **SEMIVIVER: NO LIMAR DA REVELAÇÃO**

Clarice, ao criar sua protagonista, atribuiu à personagem Lóri pressupostos que explicitavam um contexto falocêntrico ao qual, até então, estava submetida em sua criação em Campos, cidade interiorana e sem mar, da qual se desloca sem a intervenção familiar para iniciar sua carreira de professora primária na capital fluminense. Lóri, ao tomar consciência de que vivia sozinha em outra cidade, sentiu-se insegura, pois essa nova sensação de liberdade lhe era penosa:

*Também não dissera a Ulisses de como melhorara a penosa sensação de estar solta o fato de estar solta mesmo: o pai perdendo o grosso da fortuna, ela muda-se sozinha de Campos para o Rio, comprara o pequeno apartamento onde vivia, sustentada regamente pela mesada do pai. Com quatro irmãos homens, e ela filha única, o pai lhe mandava o que ela quisesse* (LISPECTOR, 1998c, p. 49).

Livre do olhar conservador do pai e sem a interferência da presença dos seus quatro irmãos, Lóri se sentiu solta na Cidade Maravilhosa, sobretudo em relação às suas experiências sexuais, fatos referidos reiteradamente na narrativa quando é apresentado ao leitor que a professora se relacionara com cinco eventuais

amantes. Todavia, essa aparente sensação de liberdade lhe era pesada pelos atributos sociais patriarcais que lhe foram imputados. A esse respeito, ao direcionar sua personagem a uma situação em que a sensualidade lhe vem à tona, Clarice instaurou em seu texto uma cena em que Lóri, ao se apresentar a Ulisses em um banho de piscina, usando trajes de banho, sentiu-se sedutora, mas ao mesmo tempo se reinstaurou no pudor feminino que lhe moldava como mulher:

*A um movimento seu, que era o de jogar os cabelos para trás, viu num relance o rosto dele, percebeu que ele a olhava e que a desejava. Sentiu então um pudor que já diferia do que ele chamara de pudor de ter um corpo. Era um pudor de quem também deseja, assim como Lóri desejara colar o peito e os membros no Deus. Ao perceber muito claro o próprio desejo, tornou-se arisca e dura, e ficaram em silêncio o resto da tarde (LISPECTOR, 1998c, p. 68).*

Com base nesse excerto, constata-se o confronto dual em que a professora primária se encontra: sedução e razão. Embora experimente, mesmo que minimamente, o desejo, a tradição patriarcal que modula a personagem se sobrepõe ao desejo sexual vislumbrado. Sob essa perspectiva dual, a narrativa define esse quadro de rompimento com a tradição, mesmo que momentaneamente, de semiviver.

*Como explicar que, do longe de onde de dentro de si ela vinha, já era uma vitória estar semvivendo. Porque enfim, uma vez quebrado o susto da nudez diante dele, ela estava respirando de leve, já semvivendo (LISPECTOR, 1998c, p. 68).*

É oportuno relembrar o quadro de valor que está em questão no ato de uma mulher se despir (vestida de maiô) diante de um homem na década de 1960. Lançado em 1969, esse romance eclodiu no ano em que eram discutidos, embora superficialmente, o princípio da igualdade entre os cônjuges no casamento e a introdução do divórcio na legislação brasileira.

### **AS ÁGUAS DO MAR: O NÁUFRAGO DA IMPOSIÇÃO**

Ao terminar o capítulo em que Lóri e Ulisses tomavam banho de piscina, a narrativa prossegue apresentando a professora primária nas águas, dessa vez, sozinha. Após sonhar que Ulisses estava com outra mulher, Lóri é acordada em sobressalto pelo ciúme e pela cólera. O sonho despertou na personagem uma vontade maior de autoconhecimento e rompimento com a normalidade de sua existência. E esse conhecimento íntimo acarretou em deixar de lado o pudor com que até então vivera. Para tanto, Lóri passou a viver de forma centrífuga, isto é, visionou para si uma emancipação da condição feminina que lhe fora imposta, dando passagem para que o seu desejo sexual a conduzisse para novas experiências como mulher, fato materializado na narrativa clariciana por meio da experiência erótica que a professora primária vivenciará nas águas do mar. A esse respeito, em que o sujeito resiste a um fio centralizador e cristalizado, Fiorin (2008, p. 28) aponta que:

*O sujeito bakhtiniano não está completamente assujeitado aos discursos sociais. Se assim fosse, negar-se-ia completamente a concepção de heteroglossia e de dialogismo, centrais na obra do filósofo. A utopia bakhtiniana é poder resistir a todo processo centrípeto e centralizador. No dialogismo incessante, o ser humano encontra o espaço de sua liberdade e de seu inacabamento.*

Com essa reflexão, de que o ser se constitui, constante e inescrutavelmente, vislumbrando um processo centrífugo, em que sua liberdade e construção são asseguradas, é possível asseverar que na narrativa clariciana a personagem Lóri enquanto mulher – histórica e social – foi moldada em limitações, mas essas limitações não são determinadas, há espaço para uma constante ressignificação de sua consciência.

Ao introduzir sua personagem no mar, a autora escolheu não mais a água insossa da piscina, e sim as águas salgadas da praia de Ipanema. A água novamente é apresentada como elo que conduz Lóri ao conhecimento maior: não mais semiviver, mas viver. O que lhe ocorre é, de madrugada, entrar na água do mar, sem o olhar do outro sobre si, sem a preocupação de manter-se sóbria ante seus desejos e instintos. Por estar sozinha, a preocupação também se reveste em não escandalizar a tradição; o pudor permanece moldado na personagem. Bakhtin (2003, p. 13-14), ao apresentar pressupostos acerca da constituição do sujeito, aponta que

*[...] avaliamos a nós mesmos do ponto de vista dos outros, através do outro procuramos compreender e levar em conta os momentos transgredientes à nossa própria consciência: desse modo, levamos em conta o valor de nossa imagem externa do ponto de vista da possível impressão que ela venha a causar no outro [...].*

Pode-se afirmar que Lóri vivenciou um embate em que seus valores são acionados e, de forma avaliativa, colocados em questão. Embora refutasse o olhar do outro sobre si, vislumbrava uma amenidade perante sua nova condição, a de encamar o mar e sua força. Sozinha, em jejum e de noite, Lóri se dirigia ao mar. “E tinha a responsabilidade de ser ela mesma. Nesse mundo de escolhas, ela parecia ter escolhido” (LISPECTOR, 1998c, p. 68).

Ao escolher as águas salgadas do mar para vivenciar um ato epifânico (o tema epifania será apresentado a seguir), Lóri escolheu justamente um ambiente em que os olhares familiares não a coibiriam, uma vez que em Campos, cidade de onde vinha, não havia mar. Entrou, então, no mar e enfrentou suas águas como em uma relação erótica: “E era isso o que estava lhe faltando: o mar por dentro como o líquido espesso de um homem” (LISPECTOR, 1998c, p. 80), simulação sexual que faz que a personagem clariciana reveja seu posicionamento diante da sua vivência com as águas salgadas do mar de Ipanema.

De acordo com Mikhail Bakhtin (2010, p. 142),

*A vida conhece dois centros de valores, diferentes por princípio, mas correlatos entre si: o eu e o outro, e em torno destes centros se distribuem e se dispõem todos os momentos concretos do existir.*

O embate com o outro, na narrativa clariciana, pode ser considerado pelo duelo íntimo da personagem, seu quadro de valor refratado que desencadeia com maior fluxo diante do mar.

*Ela e o mar. Só poderia haver um encontro de seus mistérios se um se entregasse ao outro: a entrega de dois mundos incognoscíveis feita com a confiança com que se entregariam duas compreensões* (LISPECTOR, 1998c, p. 78).

Foi imersa nas águas do mar, e este com sua dimensão e gosto, que Lóri vivenciou o naufrago de seus valores preestabelecidos e se posicionou para o

conhecimento de si mesma. E essa nova descoberta restabeleceu seu posicionamento diante de si e do outro, em deixar de lado um juízo de valor institucionalizado – como ser histórico e social – para incorporar em sua vivência, nesse ato evêntico, um novo acontecimento existencial baseado na relação com o outro, em que o sujeito precisa abandonar sua “bagagem modular”, engessada, e afirmar-se em uma nova perspectiva de sentidos.

O ser se constrói através do outro, isto é, traz consigo a construção do eu-moral que é constantemente, em uma ação axiológica, revisitada no processo de confirmação ou refratamento. Lóri, ao encontrar-se com as águas do mar, enfrentava uma eventicidade que lhe ocasiona um refratamento em relação a seus preceitos; é preciso coragem para romper com o quadro de valor até então imposto à personagem. “A coragem de Lóri é a de, não se conhecendo, no entanto prosseguir, e agir sem se conhecer exige coragem” (LISPECTOR, 1998c, p. 79).

O evento maior na narrativa da entrada de Lóri no mar é justamente o encontro da personagem com as águas salgadas, isto é, a conotação sexual que se desencadeia na vivência da protagonista desse romance.

Vale sinalizar que *Uma aprendizagem ou o livro dos prazeres* se inicia com uma vírgula e tem seu fechamento com dois-pontos; a vírgula sinaliza uma pausa, e revela que algo já fora vivenciado, atribuído ou imposto. O simbólico a essa atribuição virgular confirma a teoria de Bakhtin (1988, p. 88), em que o dialogismo é fator constitutivo do sujeito, uma vez que

[...] Apenas o Adão mítico que chegou com a primeira palavra em um mundo virgem, ainda não desacreditado, somente este Adão podia realmente evitar por completo esta mútua orientação dialógica do discurso alheio para o objeto.

Ao dar cabo ao seu romance com dois-pontos, Clarice possibilitou uma interpretação em que nada possui uma sistematização única, um fechamento acabado e completo. A vida se move, se locomove, está em constante processo de aperfeiçoamento, e é por intermédio da experiência dialógica que o ser passa a vivenciar novos e complexos eventos.

Cabe mencionar o que Clarice apresenta em um dos seus textos de gênero indefinido, que é *Água viva* (1973): “Inútil querer me classificar: eu simplesmente escapulo não deixando, gênero não me pega mais” (LISPECTOR, 1998a, p. 13). É com essa noção de escape que Lóri entra nas águas salgadas e, após sua representação no ato sexual, focaliza sua razão ao mundo real, isto é, à realidade que até então sempre fez parte de sua existência. Essa volta, claro, será acrescida de um novo conhecimento, mas como ocorre quase que em uníssono às personagens claricianas, a possível rotina tornar-se-á lugar comum para a personagem (?).

A marca interrogativa apresentada acima estabelece uma hipótese acerca do posicionamento de Lóri após sua experiência com as águas do mar. Como o desfecho de *Uma aprendizagem ou o livro dos prazeres* é sinalizado com dois-pontos, Clarice, de forma inovadora, abre novas possibilidades interpretativas em que dispersa a verdade única acerca da suposta rotina da protagonista dessa obra.

## A EVENTICIDADE EPIFÂNICA E O REFRAATAMENTO DO SER

Liberta dos olhos tradicionais, exposta, mesmo que em segredo, a uma relação sexual com as águas do mar, Lóri experimentou o que os críticos definem

como epifania (*epiphaneia*), que pode ser compreendida, ao menos, de duas formas: religiosa e literária. Desdobrando o termo, Affonso Romano de Sant’Anna (2013, p. 128) esclarece:

*[...] No sentido místico-religioso, a epifania é o aparecimento de uma divindade e uma manifestação espiritual – e é nesse sentido que a palavra surge descrevendo a aparição de Cristo aos gentios. Aplicado à literatura, o termo significa o relato de uma experiência que a princípio se mostra simples e rotineira, mas que acaba por mostrar toda a força de uma inusitada revelação.*

A obra plural de Clarice Lispector é permeada pela epifania, em que momentos cotidianos, singelos e banais, intermediados por meio de uma barata (*A paixão segundo G.H.*), um cego mascando chicletes (*Laços de família*), ou um rato morto (*Perdoando Deus*), para citar alguns, ganham uma proporção ampla e instigante, em que o sujeito evêntico, ao se deparar com essa manifestação, deslumbra para si um novo sentido diante de sua existência e passa a perceber o mundo por outro ângulo, vivenciando uma nova percepção da realidade.

No texto que é objeto deste estudo, as águas desenvolvem a função da revelação na descoberta de Lóri a um êxtase até antes negligenciado, seu autoconhecimento diante do outro, diante das águas salgadas. Ao simular um ato sexual tendo como parceiro a imensidão do mar, Lóri se permite um êxtase, isto é, um batismo temporal – conferindo à protagonista um despojamento de conceitos primários – para vivenciar uma nova percepção de vida.

Estabelecendo a epifania como “momento revelador”, a apreensão de tal conceito não acompanha a personagem ao cabo de suas vivências, é um instante que destoa das experiências até então vivenciadas, causando uma aparente e possível experimentação salvadora. Dessa forma, após a revelação sexual na abundância das águas, Lóri

*[...] caminha dentro da água de volta à praia, e as ondas empurram-na suavemente ajudando-a sair. Não está caminhando sobre as águas – ah nunca faria isso depois que há milênios já haviam andado sobre as águas – mas ninguém lhe tira isso: caminhar dentro das águas (LISPECTOR, 1998c, p. 80).*

Este fragmento dialoga, tacitamente, com os evangelhos cristãos (de forma implícita, pois se não houver uma compreensão mínima dos textos sagrados, tal frase – “ah nunca faria isso depois que há milênios já haviam andado sobre as águas” – não obtém maior compreensão, não chega ao leitor em sua totalidade), nas passagens registradas nos evangelhos segundo Mateus, Marcos e João, em que Jesus Cristo caminhou sobre as águas, e que Pedro, ao tentar imitá-lo, se afundou em sua imensidão. Cabe mencionar que, dos quatro evangelhos, Lucas se isentou de recontar esse feito nas águas do mar da Galileia e, dos outros três que o narraram, apenas Mateus agregou o andar, o naufrago e o reerguer de Pedro, por Cristo, nas águas do mar.

Clarice, ao incorporar a imagem cristã em seu texto, vai ao encontro do pensamento bakhtiniano, segundo o qual:

*As palavras do outro, introduzidas na nossa fala, são revestidas inevitavelmente de algo novo, da nossa compreensão e da nossa avaliação, isto é, tornam-se bivocais (BAKHTIN, 2003, p. 223).*

Há um refratamento na escrita de Lispector. A personagem já não deseja se equiparar ao divino, ao sobrenatural, não quer caminhar sobre as águas, quer,



sim, caminhar dentro das águas. A condição humana é celebrada, a infinidade e a idealização do sobrenatural caem por terra perante o desejo íntimo de Lóri: conhecer-se. Nessa mesma perspectiva, o diálogo com o filósofo russo faz-se necessário:

*Cada enunciado é pleno de ecos e ressonâncias de outros enunciados com os quais está ligado pela identidade da esfera da comunicação discursiva. Cada enunciado deve ser visto antes de tudo como uma resposta aos enunciados precedentes de um determinado campo (aqui concebemos a palavra “resposta” no sentido mais amplo): ela os rejeita, confirma, completa, baseia-se neles, subentende-os como conhecidos, de certo modo os leva em conta (BAKHTIN, 2003, p. 297).*

O refratamento ao texto bíblico não é ingênuo. Embora seja possível durante a narrativa de *Uma aprendizagem ou o livro dos prazeres* apreender diálogos unificados com o Cristianismo, a exemplo, Lóri “como a samaritana do Evangelho, já tivera cinco maridos (amantes) e não aprendera a amar” (SÁ, 1979, p. 263), o texto clariciano refuta o texto institucionalizado, isto é, colide com o caminhar sobre as águas bíblico, para dar voz à condição humana, algo que durante o romance se cristaliza com a emblemática frase: “E o que o ser humano mais aspira é tornar-se um ser humano” (LISPECTOR, 1998c, p. 74). Essa posição refrangente, em que o sujeito deixa de viver de forma centrípeta, dando vez a um posicionamento distinto do que lhe é imposto pelo caráter dinâmico da cultura, isto é, pelo quadro axiológico institucionalizado, é por Bakhtin (2003, p. 103-104) assinalado da seguinte forma:

*[...] devo sair dos limites do contexto axiológico em que transcorreu minha vivência para fazer da própria vivencialidade, da carne de minha alma o meu objeto, devo ocupar outra posição em outro horizonte axiológico, cabendo observar que a reconstrução dos valores é de natureza essencialíssima. Devo tornar-me outro em face de mim mesmo, que vivo essa minha vida nesse mundo de valores, e esse outro deve ocupar uma posição axiológica essencialmente fundamentada fora de mim (psicólogo, artista etc.).*

O ser, sendo único e moldado constantemente por eventicidades irrepetíveis, só se constitui de forma autônoma ante suas vivências, isto é, podendo, ou não, esvair-se do que lhe fora imputado, histórica e socialmente, de acordo com seu posicionamento valorativo diante das experiências dialógicas a que se submete. Tais experiências afirmam a incompletude do ser e assinalam o seu constante construto.

É o que sugere o desfecho do romance *Uma aprendizagem ou o livro dos prazeres*. Clarice, fiada nessa perspectiva dialógica, assinala as futuras vivências de suas personagens com dois-pontos. “– Eu penso, interrompeu o homem e sua voz estava lenta e abafada porque ele estava sofrendo de vida e de amor, eu penso o seguinte:” (LISPECTOR, 1998c, p. 159).

O simbólico e o dialogismo permanecem com esse desfecho e vão ao encontro do que Bakhtin (1997, p. 257) postulou: “Quando termina o diálogo tudo termina”. Com os dois-pontos, o diálogo em essência continua, é o que Clarice deixou manifesto na materialidade do texto e no posicionamento filosófico do sujeito do discurso.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Sob o prisma do conceito de dialogismo de Mikhail Bakhtin, foi possível analisar alguns dos atos evênticos vivenciados por Lóri, protagonista do livro *Uma aprendizagem ou o livro dos prazeres*, de Clarice Lispector.

Para Bakhtin, o ser como único, constituído por meio das eventicidades que vivencia, tem como eixo norteador de seus eventos o outro. Essa aproximação constante entre o eu e o outro ocasiona uma tensão em que o quadro axiológico do sujeito é revisitado, isto é, diante de determinada experimentação dialógica (Lóri diante das águas do mar), o sujeito se posiciona de forma a valorar a vivência, e essa valoração nem sempre é de aceitação, e sim, no caso da professora primária, refratária.

A aprendizagem aqui mencionada está consoante com o que Cecília Meireles (2001, p. 64) escreveu na crônica intitulada *Aprender*: “[...] aprender é sempre adquirir uma força para outras vitórias, na sucessão interminável da vida”, sucessão esta que é assinalada no término do romance que não termina. Dois-pontos. O diálogo continua, uma vez que só quando se morre, de acordo com Bakhtin, é que cessa o dialogismo.

Clarice, ao terminar sua narrativa com dois-pontos, não apenas inova os atributos da linguagem escrita no romance brasileiro, mas reconhece a expressão dialógica em que o ser, de forma tensa e constante, se afirma diante da vida.

### **AN APPRENTICESHIP OR THE BOOK OF DELIGHT: PERSPECTIVES OF DIALOGICAL EXPERIENCES**

**Abstract:** This article analyzes excerpts from the novel *An apprenticeship or the book of delight*, by Clarice Lispector, discussing, especially, the axiological positioning of the protagonist Lóri. The theoretical assumptions are based on Mikhail Bakhtin's reflections on the dialogical experience of being, of which the subject is inexhaustibly constituted through his relation to the other.

**Keywords:** Clarice Lispector. Mikhail Bakhtin. Dialogism.

## REFERÊNCIAS

- ARÊAS, V. *Clarice Lispector com a ponta dos dedos*. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.
- BAKHTIN, M. *Estética da criação verbal*. Tradução Paulo Bezerra. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2003.
- BAKHTIN, M. *Para uma filosofia do ato responsável*. Introdução Augusto Ponzio. Tradução Valdemir Miotello e Carlos Alberto Faraco. São Carlos: Pedro e João Editores, 2010.
- BAKHTIN, M. *Problemas da poética de Dostoiévski*. Tradução Paulo Bezerra. 2. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1997.
- BAKHTIN, M. *Questões de literatura e de estética: a teoria do romance*. São Paulo: Editora Unesp; Hucitec, 1988.
- BORELLI, O. *Clarice Lispector: esboço para um possível retrato*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1981.

- CANDIDO, A. No raiar de Clarice Lispector. In: CANDIDO, A. *Vários escritos*. São Paulo: Duas Cidades, 1970.
- FIORIN, J. L. *Introdução ao pensamento de Bakhtin*. São Paulo: Ática, 2008.
- LISPECTOR, C. *Água viva*. Rio de Janeiro: Rocco, 1998a.
- LISPECTOR, C. *A hora da estrela*. Rio de Janeiro: Rocco, 1998b.
- LISPECTOR, C. *Uma aprendizagem ou o livro dos prazeres*. Rio de Janeiro: Rocco, 1998c.
- MEIRELES, C. *Crônicas de educação – 1*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001.
- MOISÉS, M. *A literatura brasileira através dos textos*. São Paulo: Cultrix, 2007.
- NUNES, B. *O drama da linguagem: uma leitura de Clarice Lispector*. São Paulo: Ática, 1995.
- SÁ, O. *A escritura de Clarice Lispector*. Rio de Janeiro: Vozes, 1979.
- SANT'ANNA, A. R. O ritual epifânico do texto. In: SANT'ANNA, A. R.; COLASANTI, M. *Com Clarice*. São Paulo: Editora Unesp, 2013.
- WALDMAN, B. *Entre passos e rastros: presença judaica na literatura brasileira contemporânea*. São Paulo: Perspectiva, 2003.

Recebido em novembro de 2017.

Aprovado em abril de 2018.